

Resenhas

NÓVOA, António. *Histoire & comparaison (Essais sur l'éducation)*. Lisboa: Educa, 1998.

O livro *Histoire & comparaison (Essais sur l'éducation)* reúne alguns trabalhos do professor António Nóvoa escritos em língua francesa e publicados na Europa nos últimos anos em revistas especializadas ou obras coletivas.

Pelas temáticas abordadas e pela qualidade e pertinência das análises feitas por António Nóvoa, esta obra, cujos textos antes estavam dispersos e, em alguns casos, eram de difícil acesso aos pesquisadores brasileiros, poderá trazer uma significativa contribuição aos estudos nas áreas da história da educação e da educação comparada, especialmente para trabalhos que abordam questões da profissão docente e das políticas educativas.

Histoire & comparaison (Essais sur l'éducation) está organizado em cinco capítulos, escritos em diferentes contextos e situações. Esta característica do livro permite que cada capítulo seja lido de forma independente, muito embora a obra tenha sido organizada em torno de uma mesma problemática: trabalhos de base histórica e comparativa. Os dois

primeiros capítulos estão diretamente relacionados a aspectos de ordem mais teórica e metodológica da história da educação e da educação comparada. Os três últimos destacam questões da educação no contexto europeu, com especial ênfase para aspectos históricos e sociológicos da profissão docente.

O primeiro capítulo, "L'histoire et l'histoire de l'éducation (Réflexions à propos de l'historiographie américaine)", foi escrito logo após o período em que António Nóvoa esteve na Universidade de Wisconsin-Madison como professor convidado (1993-1994). Publicado inicialmente na revista *Histoire d'Éducation* (1997), o texto é um verdadeiro convite à reflexão das questões da "nova" historiografia educacional. Tomando como referência um conjunto de trabalhos de historiadores americanos (obras produzidas entre 1991 e 1996), Nóvoa enfrenta algumas das problemáticas mais emergentes da historiografia contemporânea. Entre elas, a passagem de uma visão moderna de progresso que sustentava o projeto da história (de uma única história) para o entendimento da coexistência em um mesmo espaço e tempo social de diferentes histórias; as relações entre a teoria e a história; o debate

sobre a escrita da história; e a reflexão sobre a responsabilidade social do historiador.

Numa interessante reflexão sobre as mudanças/deslocamentos no fazer histórico, o autor apresenta o movimento da pesquisa americana que vai das estruturas aos atores, do sistema às escolas, da externalidade à internalidade, das idéias aos discursos, dos fatos às políticas, do nacional ao local/global.

Os desenvolvimentos teóricos, os debates metodológicos, os avanços conceituais, as relações entre saber e poder que subjazem nas pesquisas, os conflitos entre as comunidades de pesquisadores, a circulação internacional das problemáticas de pesquisa, a existência de questões comuns entre diferentes comunidades de pesquisadores da história da educação, tudo isso é abordado de uma forma clara e lúcida neste texto. Assim, além de oferecer-nos um estado da arte da produção historiográfica americana, o texto permite, também, uma reflexão apurada de nossos próprios processos e trajetórias de pesquisa na medida em que nos coloca frente a frente com questões importantes do fazer histórico.

O segundo capítulo, "Modèles d'analyse en éducation comparée: le champ et la carte", foi publicado

inicialmente na revista *Les Sciences de l'Éducation: Pour l'Ère Nouvelle* (1995), e historiciza o campo da educação comparada, além de apresentar um mapeamento bastante amplo da área.

Como a arena da educação comparada constituiu-se historicamente? Esta é a questão lançada inicialmente pelo autor. Ao buscar respostas, adota o conceito de campo científico de Pierre Bourdieu e coloca no centro da análise as questões de poder, as relações internas e as posições dos indivíduos e grupos neste campo científico.

Segundo o autor, a educação comparada constituiu-se historicamente sob quatro aspectos básicos: a ideologia do progresso (educação era igual a desenvolvimento e o progresso da ciência significava o progresso da sociedade), um conceito de ciências (a tarefa da educação comparada era a de prever e prescrever), a idéia do Estado-nação (a educação comparada foi definida como o estudo das diferenças e das similitudes entre dois ou mais países), e a definição de um método comparado (o esforço em diferenciar a pesquisa comparada de outros tipos de pesquisas foi parte de um trabalho de busca da "identidade do campo"). Para cada uma destas noções que sustentaram o campo da educação comparada, Nóvoa propõe uma redefinição crítica, que poderá significar o avanço conceitual, teórico e metodológico da pesquisa comparada.

Um dos aspectos importantes deste texto é que o autor insiste, por um lado, na diferenciação entre a reflexão reformadora internacional e a ciência da educação comparada, e, por outro, na potencialidade da educação comparada para a pesquisa educacional atual. Conclui

que "a Educação Comparada deve ser um meio de compreender o outro, sobretudo o outro que é muito diferente e que olha o mundo com razões e sentimentos diferentes" (p. 83).

Ao desenhar um mapa da educação comparada (que o autor propõe cautelosamente que seja lido como "a expressão de tomadas de posição" [p. 65]), Nóvoa apresenta sete configurações do campo: perspectivas historicistas, perspectivas positivistas, perspectivas da modernização, perspectivas da resolução de problemas, perspectivas críticas, perspectivas do sistema mundial, perspectivas sócio-históricas. Estas tendências configuram-se como os principais modelos de análise adotados pelos comparatistas desde a segunda metade do século XX e são apresentadas, pelo autor, como "comunidades discursivas da educação comparada" (p. 66). Esta incursão pelo campo da educação comparada permite-nos uma visão bastante abrangente dos trabalhos da perspectiva comparada nos últimos cinquenta anos. Isto é, no mínimo, desafiador para a pesquisa educacional brasileira, a qual tem relegado a um segundo plano a perspectiva da educação comparada.

"L'Europe et l'éducation (Analyse socio-historique des politiques éducatives européennes)" é o terceiro capítulo do livro e foi primeiramente publicado na obra *Challenges to European education* (1996). Em primeiro lugar aborda, no contexto da União Européia, o processo de edificação dos sistemas escolares e suas relações com a consolidação dos Estados-nação, destacando o papel da escola na formação das identidades nacionais. A criação dos sistemas nacionais de ensino, na Europa, desde o final do século XVIII, é interpretada como o

espaço de difusão das culturas nacionais dominantes e como forma de construção de uma unidade política e de uma homogeneização cultural nos Estados-nação. O fenômeno da escola de massas, na virada do século XIX para o século XX, consolida a ação homogeneizadora e unificadora empreendida pelo Estado com o intuito da formação da cidadania nacional e da unidade cultural. O projeto do Estado estava assentado sobre a tríade nacionalidade, soberania, cidadania. A centralidade da escola na consolidação deste projeto e a fixação do modelo escolar que se consolidou com a escola de massas são as questões principais da primeira parte deste trabalho. O autor mostra como a unificação cultural e nacional deu-se não apenas na escola, mas por meio de um único modelo de escola que se consagrou e legitimou-se historicamente. Aspectos como a edificação dos Estados-nação, a unificação cultural e nacional, a regulação social, a escola, a escola de massas, o modelo escolar dominante são todos aspectos de um mesmo processo em curso na Europa desde o final do século XVIII.

Em segundo lugar, neste trabalho, Nóvoa analisa de uma perspectiva sociológica as políticas educativas atuais da União Européia. Colocando no centro da discussão a questão do poder, ou melhor, "a alquimia dos poderes" da política européia, o autor agrupa e analisa as seguintes decisões da Comunidade Européia em relação ao campo educativo: 1) a formação profissional; 2) o ensino superior; 3) a cooperação e as trocas (conjunto de iniciativas e de programas com o fim de estimular a cooperação no campo educacional entre os países-membros); 4) a informação e o controle ("produção de uma

linguagem comum; criação de um “sistema científico de descrição social”); 5) o currículo europeu.

Por último, a partir de um *corpus* documental de “revistas nacionais” de cada um dos países-membros da Comunidade Européia, e de “revistas internacionais”, publicadas na Europa, Nóvoa identifica e sistematiza as formas de participação das comunidades científicas no debate educacional europeu. Um destaque é dado, neste aspecto, ao trabalho desenvolvido pelos comparatistas em educação. Uma das conclusões do autor é a de que há uma crise na educação comparada, especialmente em função da incapacidade dos intelectuais da área em propor modelos de análise teoricamente mais sofisticados. Só com um investimento intelectual, com um aprofundamento conceitual e com a construção de novas teorias será possível, diz o autor, um avanço no campo da educação comparada.

Do conjunto de textos reunidos neste livro, acredito particularmente que o quarto capítulo, “*Professionnalisation des enseignants et sciences de l'éducation*”, é um dos trabalhos que poderá trazer maiores contribuições para a pesquisa educacional brasileira. Nesse texto, que foi publicado inicialmente em *History of Educational Studies (Supplementary Series, Paedagogica, 1998)*, António Nóvoa articula duas problemáticas que têm sido muito freqüentemente tratadas separadamente na pesquisa educacional: a história das ciências da educação e a história da profissionalização docente. Estas duas problemáticas são analisadas em relação às diferentes formas de intervenção do Estado no campo educativo.

A reflexão é feita a partir de um conjunto de fontes — programas

e regulamentos de escolas normais, revistas especializadas, textos de alguns pedagogos — de um período que vai do final do século XIX até o final do século XX, e que toma, em termos geográficos, três países considerados de uma mesma região cultural: Portugal, Espanha e França. Nesse contexto, Nóvoa estabelece uma periodização para análise a partir do que caracteriza como os momentos-fortes da profissionalização docente e da produção de um discurso científico em educação: os anos de 1880, momento que o autor identifica como sendo o da edificação da ciência da educação para a realidade que analisa; os anos de 1920, em que caracteriza a emergência da Escola Nova e das ciências da educação no plural; e, por fim, os anos de 1960, analisados como o momento de renascimento de um projeto das ciências da educação e da expansão da escolarização, fenômeno que é designado como explosão escolar.

A lógica que rege todo o texto é a de que a profissionalização docente não pode ser analisada sem ter-se em conta os saberes pedagógicos que constituem o *corpus* de conhecimento dos professores. Mais do que isto, a tese principal do autor é a de que os momentos-fortes de produção dos saberes científicos em educação constituem também os momentos de afirmação da profissão docente e, contraditoriamente, os momentos de uma desvalorização e depreciação das competências docentes, mais especificamente, dos saberes docentes produzidos através da experiência. Principalmente porque esses momentos são também de afirmação de “novos grupos de *experts*” que procuram legitimar-se como “autoridades científicas”. É ao enfrentamento dessa problemática nada fácil, contraditória e paradoxal

que António Nóvoa se propõe. O resultado é um texto complexo e provocativo — no sentido de que suscita questões para a pesquisa no campo da profissão docente e dos saberes pedagógicos. Depois da leitura deste trabalho, torna-se quase impossível pensar essas duas questões, profissionalização docente e saberes pedagógicos, de forma separada.

O quinto e último capítulo, “*La profession enseignante en Europe: Analyse historique et sociologique*”, é uma importante contribuição para a história da profissão docente e para uma releitura da problemática atual do ensino da perspectiva dos docentes. Tomando como *locus* a realidade dos países da União Européia, e como agentes os professores (primários e secundários) do setor público, Nóvoa problematiza e aprofunda questões relacionadas à profissionalização dos professores desde o século XVIII. Entendendo a profissionalização como “uma forma de controle político do trabalho, adquirido por um certo grupo social em um dado momento histórico” (p. 150), vai tecendo as complexas relações entre o Estado e os professores. Na perspectiva da centralidade das ações do “Estado docente” é que o autor propõe um modelo de análise da profissão docente. Neste modelo de análise tem centralidade, entre outras coisas, o corpo de saberes e do saber-fazer, relacionado com o desenvolvimento das instituições de formação de professores, especialmente das escolas normais no século XIX; a definição de um conjunto de normas e valores relacionados com os movimentos associativos em curso desde o início do século XIX na Europa. Penso que este modelo de análise, longe de ser tomado como um universal, poderá potencializar as pesquisas sobre profissão docente

no Brasil. Na medida em que apresenta um conjunto complexo e amplo de relações que se foram estabelecendo historicamente entre o Estado, os professores, as instituições de formação, os *experts* — especialistas dos saberes pedagógicos —, e os movimentos associativos, este modelo representa a possibilidade de uma análise pluridimensional da questão da profissão docente.

Mais do que responder à pergunta se os professores são ou não profissionais, segundo Nóvoa, é necessário identificar e analisar as lutas e os esforços dos professores na busca da profissionalização de sua atividade, as ações que os docentes empreenderam ao longo da história para obtenção de certos privilégios econômicos e sociais, os paradoxos do controle do Estado sobre a profissão, por um lado, e, por outro, da aceitação por parte dos professores da tutela desse mesmo Estado.

No período do pós-Segunda Guerra Mundial houve, segundo Nóvoa, uma reconfiguração da profissão docente. Desta perspectiva, questões como a racionalização e a privatização do trabalho docente, a definição de uma nova ética da profissão, a importância que adquire a colaboração entre os professores e as comunidades locais, o pertencimento a uma organização escolar como aspecto constitutivo da identidade profissional docente, o desenvolvimento pessoal e o engajamento coletivo, o compromisso pedagógico, entre outras, são abordadas pelo autor de uma forma complexa e que caracterizam, segundo ele, uma nova cultura profissional. Uma das questões fundamentais que Nóvoa analisa é, sem dúvida, a dos paradoxos dos discursos sobre a profissão docente: de um lado, um

discurso que deposita todas as esperanças de um futuro melhor na escola e no trabalho dos professores; de outro, um discurso e uma prática que continuam a desqualificar, a desvalorizar e a culpabilizar os docentes pelas mazelas sociais.

Trazer à tona esses paradoxos e essas contradições parece-me um importante investimento de pesquisa também para países como o Brasil, que está vivendo processos de reformas curriculares e mudanças das legislações educacionais e dos sistemas escolares. Mais do que nunca o debate educacional tem estado na pauta de políticos, de administradores, de economistas, de empresários, de sindicalistas etc. Como este debate tem caracterizado a profissão docente, discutir quais são seus paradoxos e quais os significados desses discursos para as identidades profissionais dos professores, são algumas das contribuições que pesquisas dessa natureza podem trazer para a realidade brasileira. Trabalhos como os do professor Nóvoa são indicadores significativos da importância destas questões. Mais do que isto, penso que as pesquisas sobre profissão docente no Brasil tem se debatido nos últimos anos em torno da problemática da profissionalização x proletarização, cristalizando as análises e polarizando a questão. Certamente os trabalhos de António Nóvoa, publicados nesse livro, muito especialmente o Capítulo IV e o Capítulo V, poderão trazer novos elementos teóricos e metodológicos para a análise da profissão docente no Brasil.

Eliane Teresinha Peres
Universidade Federal de Pelotas;
doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista da CAPES na Universidade de Lisboa

RIBEIRO, Vera Maria Masagão.
*Alfabetismo e atitudes:
pesquisa com jovens e
adultos*. Campinas: Papirus/
São Paulo: Ação Educativa,
1999. 255 p.

A apresentação dessa obra, feita por Magda Becker Soares, ressalta suas contribuições no sentido de discutir o alfabetismo em lugar do analfabetismo, o que é preocupação dominante no que se refere à educação de jovens e adultos, e também no sentido de não se limitar apenas a uma discussão teórica ou ideológica. O livro proporciona ao leitor um amplo panorama sobre o tema do domínio da língua escrita e suas relações nas dimensões individuais e sociais.

O trabalho brilhantemente relatado no livro derivou de um grande projeto de pesquisa sobre o analfabetismo funcional, promovido e coordenado pelo OREALC – Escritório Regional de Educação para a América Latina e o Caribe, da UNESCO, em cooperação com sete países: Paraguai, Argentina, Chile, Brasil, Colômbia, Venezuela e México.

Vera Ribeiro apresenta um exaustivo estudo quantitativo realizado entre mil jovens e adultos de 15 a 54 anos, residentes na cidade de São Paulo, complementado por uma análise qualitativa na qual se investiu na compreensão das atitudes que estão por detrás do desempenho nos testes de leitura e escrita propostos pela pesquisa.

No primeiro capítulo, “As teorias do alfabetismo e o problema da pesquisa”, a autora faz uma “varredura” nos pontos de vista de teóricos de várias áreas do conhecimento sobre a questão do alfabetismo e suas implicações psicossociais. Afirma que há quatro